

Instrução: Preencha as lacunas com os pronomes pessoais necessários a partir do áudio.

No restaurante

Autor: Carlos Drummond de Andrade*

— Quero lasanha.

Aquele anteprojeto de mulher — quatro anos, no máximo, desabrochando na ultraminissaia — entrou decidido no restaurante. Não precisava de menu, não precisava de mesa, não precisava de nada. Sabia perfeitamente o que queria. Queria lasanha.

O pai, que mal acabara de estacionar o carro em uma vaga de milagre, apareceu para dirigir a operação-jantar, que é, ou era, da competência dos senhores pais.

— Meu bem, venha cá.

— Quero lasanha.

— Escute aqui, querida. Primeiro, escolhe-se a mesa.

— Não, já escolhi. Lasanha. Que parada — lia-se na cara do pai. Relutante, a garotinha condescendeu em sentar-se primeiro, e depois encomendar o prato:

— Vou querer lasanha.

— Filhinha, por que não pedimos camarão? _____⁽¹⁾ gosta tanto de camarão.

— Gosto, mas quero lasanha.

— _____⁽²⁾ sei, _____⁽³⁾ sei que _____⁽⁴⁾ adora camarão. _____⁽⁵⁾ pede uma fritada bem bacana de camarão. Tá?

— Quero lasanha, papai. Não quero camarão.

— Vamos fazer uma coisa. Depois do camarão _____⁽⁶⁾ traça uma lasanha. Que tal?

— _____⁽⁷⁾ come camarão e _____⁽⁸⁾ como lasanha.

O garçom aproximou-se, e _____⁽⁹⁾ foi logo instruindo:

— Quero uma lasanha.

O pai corrigiu: — Traga uma fritada de camarão para dois. Caprichada. A coisinha amou. Então não podia querer? Queriam querer em nome dela? Por que é proibido comer lasanha? Essas 14 interrogações também se liam no seu rosto, pois

os lábios mantinham reserva. Quando o garçom voltou com os pratos e o serviço, _____⁽¹⁰⁾ atacou:

— Moço, tem lasanha?

— Perfeitamente, senhorita.

O pai, no contra-ataque:

— _____⁽¹¹⁾ providenciou a fritada?

— Já, sim, doutor.

— De camarões bem grandes?

— Daqueles legais, doutor.

— Bem, então me vê um chinite, e pra _____⁽¹²⁾... O que é que _____⁽¹³⁾ quer, meu anjo?

— Uma lasanha.

— Traz um suco de laranja pra _____⁽¹⁴⁾.

Com o chopinho e o suco de laranja, veio a famosa fritada de camarão, que, para surpresa do restaurante inteiro, interessado no desenrolar dos acontecimentos, não foi recusada pela senhorita. Ao contrário, papou-a, e bem. A silenciosa manducação atestava, ainda uma vez, no mundo, a vitória do mais forte.

— Estava uma coisa, hem? — comentou o pai, com um sorriso bem alimentado. — Sábado que vem, _____⁽¹⁵⁾ repete... Combinado?

— Agora a lasanha, não é, papai?

— _____⁽¹⁶⁾ estou satisfeito. Uns camarões tão geniais! Mas _____⁽¹⁷⁾ vai comer mesmo?

— _____⁽¹⁸⁾ e _____⁽¹⁹⁾, tá?

— Meu amor, _____⁽²⁰⁾...

— Tem de me acompanhar, ouviu? Pede a lasanha.

O pai baixou a cabeça, chamou o garçom, pediu. Aí, um casal, na mesa vizinha, bateu palmas. O resto da sala acompanhou. O pai não sabia onde se meter. A garotinha, impassível. Se, na conjuntura, o poder jovem cambaleia, vem aí, com força total, o poder ultrajovem.



***Carlos Drummond de Andrade** (1902 — 1987) foi um notório escritor brasileiro da segunda geração modernista. Celebrado, sobretudo, pela sua poesia, ele também escreveu grandes obras de contos e crônicas.